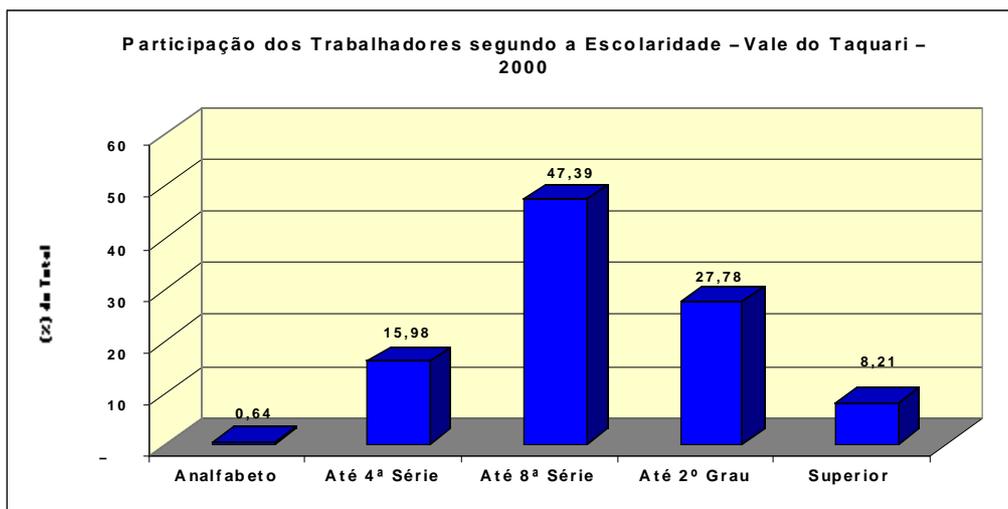


Escolaridade e oferta de trabalho

Ronaldo Távora

Nosso objetivo é abordar características dos trabalhadores e do mercado de trabalho no que dizem respeito à escolaridade¹.

O gráfico abaixo ilustra bem a situação no Vale do Taquari no ano de 2000.



Fonte: Banco de Dados Regional a partir de informações do Ministério do Trabalho e Emprego(RAIS 2000–preliminar)

Como fica claro, há somente uma pequena participação dos trabalhadores analfabetos e com até 4ª série no total de empregos formais declarados em 31/12/2000 no Vale do Taquari. Participação essa que era maior em 1999 (0,71% e 17,26% respectivamente) e, certamente, foi maior em anos anteriores.

Essa constatação faz parte de um processo de "expulsão" dos trabalhadores menos habilitados (entenda-se com menor grau de instrução) do mercado de trabalho formal, para a informalidade. Comportamento que pode ser verificado não só no Vale do Taquari, mas no Brasil como um todo.

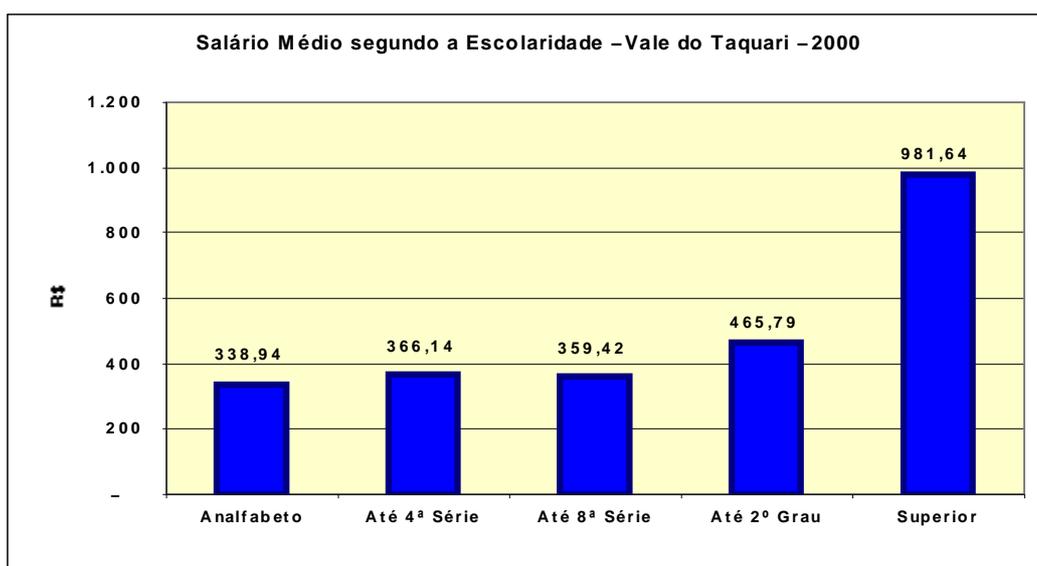
O fato interessante a ser avaliado é que as vagas que eram anteriormente ocupadas por trabalhadores analfabetos não deixaram simplesmente de existir. Foram, na verdade, preenchidas por outros trabalhadores com mais anos de estudo, mostrando que o mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais seletivo e exigente na qualificação dos trabalhadores.

É bem verdade que parcela dos trabalhadores com menor grau de instrução pode

¹ De certa forma o texto complementa aquele intitulado: Ganha mais quem estuda mais? Também disponível nesta página.

estar estudando e melhorando sua escolaridade. No entanto, comparando os anos de 1999 e 2000, o crescimento absoluto do número de postos de trabalho ocupados por trabalhadores com grau de instrução acima da 4ª série foi maior que a redução nos postos de trabalho ocupados por trabalhadores com até 4ª série. De modo que não podemos afirmar que houve apenas uma mudança de "status" daqueles trabalhadores com baixa escolaridade. Os números indicam que o comportamento é resultado da criação (ou preenchimento) de postos de trabalho com maiores exigências, e "expulsão" dos trabalhadores com menor grau de instrução para a informalidade.

Apesar dessa maior exigência do mercado de trabalho para o preenchimento das vagas, a remuneração não acompanhou essa tendência. Era de se esperar que se a exigência é maior, a diferença entre o salário dos trabalhadores com maior e menor grau de instrução levasse em consideração esse esforço. No entanto, os dados para o Vale do Taquari em 2000 não corroboram com essa suposição.



Fonte: Banco de Dados Regional a partir de informações do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS 2000 – preliminar)

O gráfico acima nos mostra que não há uma diferença significativa entre o salário médio dos analfabetos e dos trabalhadores que possuem 8ª série. Ou seja, apesar do esforço em termos de anos de estudo ser grande para se completar a 8ª série, aparentemente o mercado não o recompensa. Mesmo em relação ao segundo grau, onde a diferença em anos de estudo para o analfabeto chega a 11 anos, o diferencial de salário médio não é muito significativo. Nem de longe tal fato deve servir de incentivo para as pessoas não estudarem. Como já observamos, há indícios de um processo de "exclusão" dos trabalhadores com menor grau de escolaridade do mercado de trabalho

formal.

Por outro lado, o mercado parece efetivamente reconhecer e recompensar o esforço dos trabalhadores com curso superior, manifestado em um salto no salário médio daqueles trabalhadores em relação aos demais.

Com essa análise (ainda que superficial) sobre o comportamento do mercado de trabalho no Vale do Taquari em 2000, alguns pontos podem ser realçados. Primeiro, parece haver uma tendência de maior exigência em termos de anos de estudo, embora isso não se reflita na elevação da remuneração. Sugerindo que as vagas antes ocupadas por trabalhadores com baixo grau de escolaridade são agora ocupadas por pessoas que estudaram mais.

Segundo, a própria substituição citada acima evidencia uma dificuldade cada vez maior de analfabetos e trabalhadores com baixa escolaridade (até 4ª série) conseguirem ocupar postos de trabalho no mercado formal, deixando como única alternativa o mercado informal.

Terceiro, os números indicam que o mercado reconhece e recompensa relativamente muito mais o esforço despendido para conseguir um curso superior do que para os outros graus de instrução.

Finalmente, não se quer com isso discriminar os trabalhadores que, infelizmente, não tiveram oportunidade de estudar. Tampouco minimizar a importância da experiência prática e de vida. O nosso objetivo é somente fazer uma leitura dos números apresentados pelo mercado de trabalho que, sem dúvida, refletem as mudanças por que a sociedade brasileira tem passado.

Para maiores informações, sugestões e críticas. Entre em contato conosco. **Banco de Dados Regional/UNIVATES – Centro Universitário.** Tel: **51-3714.7021** ou pelo e-mail: **bdr@univates.br**